

Atualidade Econômica/Trimestre

No setor industrial, ainda a recessão

ANTÔNIO CARLOS DE GODOY

A análise de alguns dos principais indicadores de desempenho da economia brasileira durante o terceiro trimestre revela ter havido um aumento da recessão industrial iniciada nos dois primeiros trimestres do ano, ao contrário do que previam as autoridades econômicas e até mesmo dirigentes de importantes grupos empresariais. Enquanto muitos esperavam maiores taxas de expansão industrial no segundo semestre, em razão da necessidade de repor estoques, a queda da produção manufatureira e o desemprego foram-se acentuando. A

partir dos dados até agosto, a Fundação IBGE podia diagnosticar uma diminuição de 6% no produto da indústria de transformação, nos oito primeiros meses do ano, em comparação com igual período de 1980.

A divulgação dessa estatística causou um choque no mundo dos negócios, cujos dirigentes ainda se recordavam das previsões do ministro do Planejamento, Antônio Delfim Netto, feitas na Escola Superior de Guerra no final de junho, segundo as quais a economia deveria crescer 5% em 1981. Ninguém teria sido capaz de antecipar uma recessão tão profunda na indústria, a

maior desde 1965, outro mau ano para o setor manufatureiro. Tanto é assim que o próprio ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, em pronunciamento público, revelava nunca ter visto situação tão grave e confessava a surpresa das autoridades econômicas, que não esperavam tamanha desaceleração do crescimento industrial, que só em São Paulo levou 300 mil pessoas ao desemprego.

Para reforçar o quadro geral de pessimismo, vieram as projeções de crescimento zero ou negativo para o Produto Interno Bruto, pela primeira vez no País desde a instituição do sistema de contas nacionais. Quer essa

previsão se confirme ou não, ficou evidente para muitos empresários de São Paulo que as autoridades exageraram no aperto ao crédito e no estímulo à elevação dos juros.

Ninguém nega os aspectos positivos dessa política, entre eles a acentuada melhora da balança comercial, que pode fechar o ano com superávit de US\$ 1 bilhão; a recuperação da imagem do País junto à comunidade financeira internacional, o que facilitou a captação de recursos para equilibrar o balanço de pagamentos, cujo déficit em conta corrente ficará perto dos US\$ 10,2 bilhões; e a queda da taxa

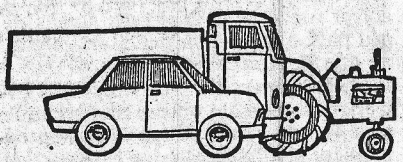
de inflação, que pode ficar abaixo de 100% em 81.

Todavia, o que muitos empresários perguntam é se as autoridades econômicas não teriam exagerado nos freios que impuseram à atividade econômica. Possivelmente, argumentam ponderáveis setores da empresarialidade, resultados semelhantes aos obtidos teriam sido possíveis mediante uma política monetária menos restritiva.

A queda da produção industrial trouxe problemas para a área de energia elétrica, que não poderá — mais uma vez — remunerar adequadamente os investimentos. Em setembro, o cresci-

mento do consumo de energia elétrica em todo o País foi nulo (em setembro de 1980, a expansão chegou aos 8,1%). Outro setor atingido pela recessão foi o siderúrgico, que vai produzir este ano entre 13,1 e 13,5 milhões de toneladas de aço, com uma redução de 12 a 14% em relação a 1980.

As autoridades e o meio empresarial acreditam em uma leve melhora do desempenho industrial no último trimestre do ano, mas ela não será suficiente para melhorar muito as estatísticas magras de 1981. Assim, na maior parte das empresas, a preocupação agora é com 1982.



Indústria automobilística

Produção: Diminuiu 9,6% no período julho-setembro, em relação ao trimestre anterior. As vendas de veículos continuaram prejudicadas pelos frequentes aumentos de preço, pelas elevadas taxas de juros e pelos menores prazos de financiamento. Ao todo, a indústria conseguiu vender no mercado interno apenas 133.581 veículos.

Exportação: O setor colocou 56.048 unidades no mercado externo, contra 64.172 no segundo trimestre e 54.265 no primeiro.

Emprego: As montadoras demitiram cerca de 11 mil empregados no terceiro trimestre, elevando o total de dispensas para 28 mil em 1981.

Perspectivas: O clima permanece pessimista no setor. Não há, por enquanto, elementos que permitam prever uma retomada do crescimento da produção e vendas, pelo menos enquanto persistirem as altas taxas de juros e as restrições ao crédito para o consumidor.

Autopeças

Produção: Houve decréscimo de 4% na produção e vendas da indústria de autopeças no terceiro trimestre, em relação ao segundo (o qual já foi bastante inferior ao primeiro e à média do ano passado). O período julho-setembro foi marcado por substancial redução na demanda por componentes de caminhões, cuja queda foi posterior à dos veículos de passeio, ocorrida durante o primeiro semestre do ano. Não houve qualquer recuperação do mercado de automóveis; o mercado de reposição, por sua vez, continuou deprimido, embora em menor medida que o das montadoras.

Exportação: As vendas externas do terceiro trimestre foram praticamente iguais às do segundo, quando cresceram 25% em relação aos três primeiros meses de 1981.

Problemas: O comportamento das vendas da indústria automobilística foi o principal fator determinante do nível de atividade do setor de autopeças. Além da diminuição das vendas de veículos, houve a retração provocada pela necessidade de reduzir os estoques nos pátios das montadoras. O resultado foi um volume de encomendas à indústria de peças bastante baixo e, o que é pior para os fabricantes, a instabilidade dos pedidos, que não se mantêm firmes durante o mês.

Emprego e investimentos: O nível de emprego continuou caindo no terceiro trimestre, em ritmo bem mais lento do que o verificado nos primeiros seis meses do ano; em setembro, a redução foi suficientemente pequena para indicar uma virtual estabilização do nível atual durante o quarto trimestre. Os investimentos das empresas do setor têm sido muito reduzidos, limitando-se ao necessário para atender a demanda de novas autopeças para os modelos 1982, sem incremento da capacidade produtiva, em virtude da ampla margem de ociosidade existente.

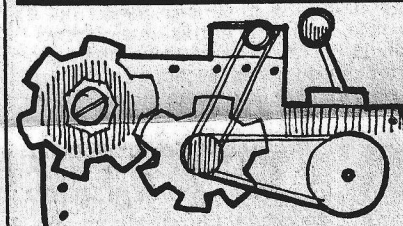
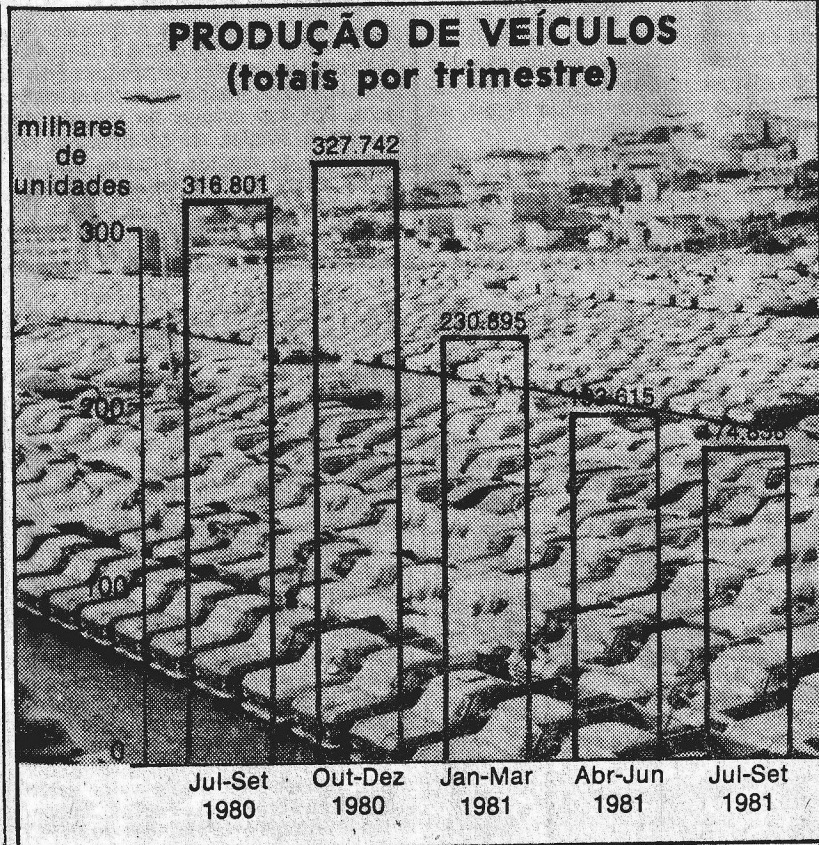
Perspectivas: O terceiro trimestre de 1981 foi considerado período de transição em relação a um novo patamar da demanda: a interpretação otimista dessa visão prevê um ligeiro aumento das encomendas de peças mesmo sem aumento das vendas de veículos, por haver terminado o período de desestocagem de veículos e componentes em poder da indústria automobilística. No entanto, a maioria dos empresários do setor prefere acreditar em uma estabilização da produção no último trimestre, quando os níveis de setembro seriam mantidos.

Fundição

Produção: A produção de fundidos no terceiro trimestre (337.541 t) foi 12,2% menor que a do segundo (384.443 t). Os dados de vendas ainda não foram totalmente computados, porém há indicações de que as empresas do setor possuem considerável quantidade de peças em estoque. Isso significa que as vendas foram menor que a produção no período.

Exportação: Faltam dados sobre o terceiro trimestre, mas as empresas do setor esperam queda de 2% em relação aos valores exportados no ano passado. Problemas: Diminuição de pedidos e alta acentuada dos principais insumos de fusão (ferro-liga, eletrodos, gases, eletricidade, óleo combustível, areia, etc).

Emprego e investimentos: A queda no nível de emprego no período junho-agosto/81 foi 1,7%, em relação aos três meses anteriores. Contudo, agosto de 81 comparado com agosto de 1980 apresentou diminuição de 17,4%. Perspectivas: Produção e emprego devem continuar em queda no terceiro trimestre do ano.

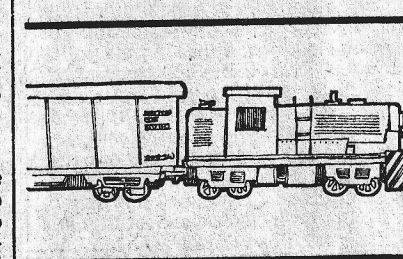


Máquinas e equipamentos

Produção: Diminuiu 0,65% em relação ao volume do segundo trimestre. No mesmo período, as vendas (em valores deflacionados) caíram 3,2%.

Problemas: A queda da produção industrial e o adiamento de investimentos estatais têm sido as principais causas da crescente diminuição da demanda de máquinas e equipamentos.

Perspectivas: As expectativas para o último trimestre do ano são desfavoráveis, em razão da falta de novos investimentos, dos altos custos financeiros, dos reajustes salariais e pagamento do 13º salário (que pressionarão a demanda de recursos pelas empresas).



Material ferroviário

Produção: No terceiro trimestre, a indústria ferroviária apresentou os seguintes resultados: 140 vagões completos e 100 incompletos, 45 carros de passageiros e 30 locomotivas (para uma capacidade de produção trimestral de 2.250 vagões, 200 carros de passageiros e 55 locomotivas). Houve, portanto, um aumento de 17 vagões completos, a manutenção do número de vagões incompletos, queda de 25 carros de passageiros e crescimento de 20 locomotivas (em comparação com os números do segundo trimestre).

Exportação: A demanda do mercado externo foi responsável por 84% dos vagões completos e 100% dos incompletos produzidos no trimestre. Não houve exportações de locomotivas (este ano apenas uma unidade foi vendida, em fevereiro).

Problemas: Não se confirmaram as encomendas de vagões, esperadas desde fins do ano passado, da RFFSA e Fepasa. Assim, com exceção dos pequenos pedidos de clientes dos setores de siderurgia e petroquímica, a carteira está vazia. Na linha de carros de passageiros, o andamento das entregas está mais reduzido, em razão da falta de recursos dos compradores, inclusive com atrasos de pagamento de carros já entregues. No segmento das locomotivas, um dos fabricantes está concluindo contrato de 74 unidades para a RFFSA e outro está iniciando as entregas de uma compra de 80 unidades pelo mesmo cliente. Em breve, o terceiro fabricante deverá iniciar as primeiras entregas de suas locomotivas.

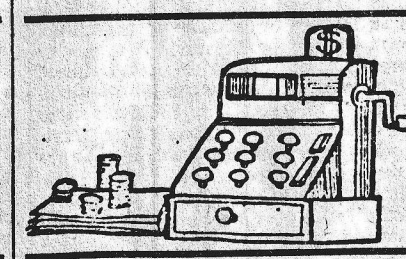
Emprego e investimentos: Não foram fornecidos dados quantitativos; apenas há a informação de cortes de pessoal no último trimestre, depois de esgotadas as formas de ocupação em outras linhas produtivas e a concessão de férias coletivas.

Perspectivas: Em razão do prazo relativamente longo para qualquer alteração significativa no setor, não há indícios de melhora no horizonte do último trimestre. A curto prazo, o setor se preocupa com a possibilidade de reduzir o período de paralisação das linhas de produção. Espera também o cumprimento dos programas da política de transporte ferroviário a médio e longo prazos, para o que é indispensável a dotação de recursos.

Indústria de alimentação

Produção: Os dados disponíveis sobre o setor são parciais. Há indicações seguras, no entanto, de que essa indústria foi a menos afetada pela recessão industrial, devendo apresentar crescimento de 6% em 1981. Durante o terceiro trimestre, os produtos derivados de matéria-prima importada ou semi-industrializada apresentaram produção equivalente à do segundo trimestre. Os produtos derivados do tomate (acabado ou semi-industrializado) tiveram razoável diminuição, em razão das geadas que prejudicaram a plantação no inverno (essa queda está sendo recuperada com novos plantios).

As vendas no período julho-setembro apresentaram ligeira expansão. Esse comportamento não se deve a qualquer melhora da demanda, representando apenas variação sazonal (o terceiro trimestre geralmente supera o segundo e o quarto é melhor que o terceiro).



Comércio

Movimento: Dados da região metropolitana de São Paulo, referentes ao período julho-setembro, confirmam a tendência de queda das vendas observada desde os primeiros meses do ano. Até agosto, o volume real de vendas diminuiu 20,11%, em relação ao mesmo período do ano passado. Fontes do setor que há anos realizam pesquisas sistemáticas informam que 1981 é o pior ano desde 1976 para o comércio.

Em setembro, o faturamento cresceu 1,5%, em relação ao total de agosto, mas nos nove meses de 81 a retração nas vendas foi de 21%. Ainda em setembro, apenas os setores de supermercados (11,6%) e calçados (11,9%) apresentaram resultado positivo. Nas concessionárias de veículos, houve a maior queda de vendas (53,34%), em relação ao ano passado.

Agosto sempre foi um mês modesto em vendas, pois as compras de inverno são realizadas em fins de junho e início de julho, enquanto as compras destinadas a suprir as necessidades da nova estação são transferidas para setembro.

Em termos gerais, as maiores quedas de faturamento real ocorreram nos itens de maior valor.

Emprego: O número de empregados no comércio da Grande São Paulo caiu 5,3% no primeiro semestre de 81, em comparação com igual período de 1980. Julho mostrou pequena recuperação (mais 1,9% em relação a junho), mas em agosto houve novo declínio, de 1,7%.

Perspectivas: Tradicionalmente, o quarto trimestre é muito bom. Neste ano, a mudança da tabela do Imposto de Renda, desde outubro, vai ajudar as vendas, somando-se aos efeitos favoráveis do pagamento do 13º salário. Entretanto, os juros elevados deverão continuar a inibir os consumidores, principalmente nos segmentos de produtos de alto valor unitário, onde é grande a importância das vendas a prazo. O comportamento das vendas neste trimestre não deverá ser suficiente para alterar o perfil geral do ano, em virtude da perda do poder aquisitivo da população e das apreensões quanto à manutenção do emprego.

Serviços de engenharia

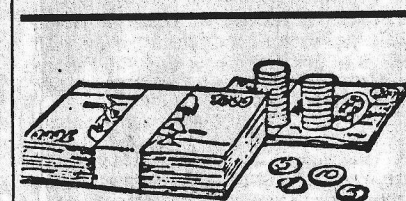
Produção: Houve ligeiro acréscimo, de 3%, durante o trimestre. No mesmo período, as encomendas em carteira para os próximos 12 meses caíram cerca de 4%, enquanto as encomendas de maior prazo se mantiveram estáveis.

Exportação: As vendas de serviços de engenharia no mercado externo ficaram nos mesmos níveis do trimestre anterior.

Fatores favoráveis e problemas: O setor foi beneficiado pela ativação dos programas energético e de mineração, e pelos estímulos à exportação. Os problemas foram causados pela desativação ou redução do ritmo de empreendimentos em curso, principalmente no setor siderúrgico; pela recessão econômica, que desestimulou novos investimentos privados; pelo controle das estatais, que impediu novos projetos ou expansões; e pelo atraso de pagamento dos clientes estatais.

Emprego e investimentos: O nível de emprego permaneceu estável no período julho-setembro; os investimentos cresceram no trimestre, com o objetivo de permitir diversificação e maior capacitação.

Perspectivas: As vendas deverão permanecer estáveis no último trimestre, enquanto o nível de emprego (em virtude da natural rotação) deverá registrar ligeira queda. Os investimentos apresentam tendência de crescimento e há a possibilidade de conservação de boas oportunidades no Exterior.



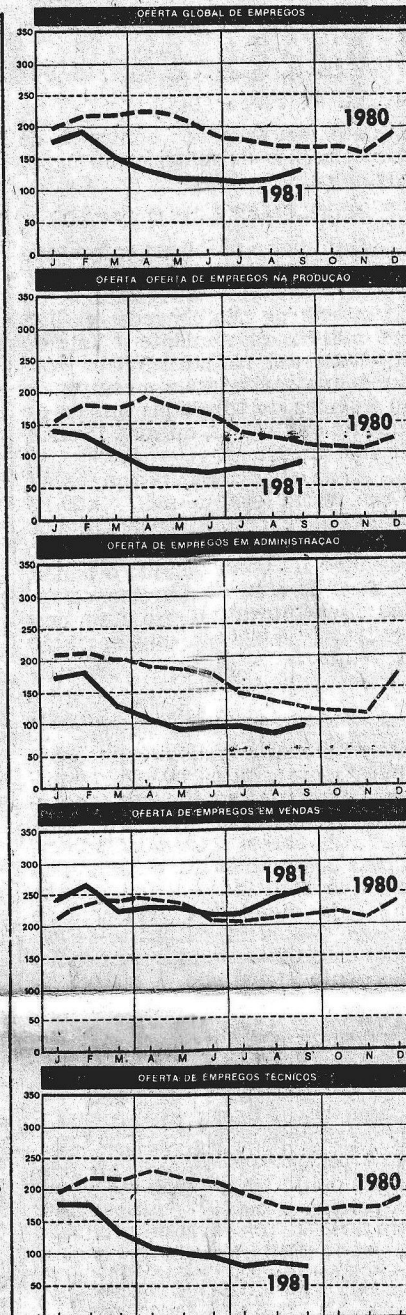
Bancos

Movimento: Durante o terceiro trimestre de 1981, os depósitos à vista apresentaram crescimento nominal de 4,8%, desempenho bastante modesto em comparação com o trimestre anterior (27,5%). No entanto, deve-se lembrar que a expansão ocorrida em junho teve caráter sazonal. O acumulado até setembro, para os depósitos à vista, foi de 23,6%, contra uma taxa de inflação de 71,1%, o que significa uma taxa de crescimento real negativa (-27,7%).

Os empréstimos totais realizados pelos bancos comerciais cresceram 20,9% no terceiro trimestre. No período janeiro-setembro, a expansão foi de 73,4%, portanto, ligeiramente acima da inflação acumulada no período (71,1%).

Liquidez: Comparando-se as médias mensais dos saldos de empréstimos de liquidez, verifica-se que no terceiro trimestre os bancos foram levados a utilizar mais esse recurso, em relação ao trimestre anterior. Assim, pode-se concluir que houve aperto de liquidez no período, o que pode ser confirmado pelas maiores colocações de títulos governamentais em agosto e setembro, para o financiamento de operações ativas das autoridades monetárias. As médias mensais dos saldos de empréstimos de liquidez tomadas em índices (junho de 1981 100) foram as seguintes: julho, 93%; agosto, 107,4%; setembro, 140, 6%.

Juros: As taxas continuaram liberadas, em torno de 160 ao ano, para os tomadores.



Fonte: E. Muhr (pesquisa com base em classificados de O Estado)

Propaganda

Movimento: O faturamento das agências tem aumentado a cada trimestre; o segundo foi melhor que o primeiro e o terceiro melhor que o segundo. Apenas algumas agências, em virtude de composição especial de sua lista de clientes, tiveram bom faturamento desde o início do ano.

Fatores favoráveis e problemas: O principal fator favorável foi um ligeiro aquecimento da economia como um todo, mas as agências foram prejudicadas pelo aumento dos custos operacionais e pela maior lentidão no pagamento das faturas por parte dos anunciantes, que as obrigou a recorrer a empréstimos bancários ou perder descontos e bonificações.

Perspectivas: De modo geral, as agências esperam melhores negócios neste último trimestre, em razão das festas de fim de ano.

Eletroeletrônica

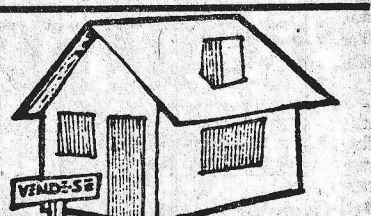
Produção: Apesar da relativa recuperação em alguns segmentos, em relação ao segundo trimestre, o setor continuou a apresentar significativa redução de nível de atividade (em comparação com o terceiro trimestre do ano passado). O desempenho de alguns dos principais segmentos pode ser observado no quadro abaixo. De modo geral, o desempenho do setor deverá ser inferior ao de 1980.

Exportação: Apesar das incertezas da presente conjuntura internacional, marcada pela retração do ritmo de atividade econômica e fortes barreiras protecionistas em muitos países, as exportações do setor eletroeletrônico continuam em franca expansão, devendo atingir, até o final do ano, US\$ 1,1 bilhão (38% de crescimento).

Acompanhamento conjuntural — Setor Eletroeletrônico

SETORES	INDICADORES DE VENDAS (AVALIAÇÃO)			
	3º TRIMESTRE/80	3º TRIMESTRE/81 2º TRIMESTRE/81	JANEIRO-SETEMBRO/81 JANEIRO-SETEMBRO/80	4º TRIMESTRE/81 4º TRIMESTRE/80
Antenas	- 15%	- 15%	- 15%	- 15%
Aparelhos Eletrodomésticos	- 11%	+ 15%	- 9%	- 6%
Portáteis	inferior	inferior	(a)	estabilidade
Aparelhos Eletrônicos Domésticos			- 10%	
Componentes Eletrônicos	- 35% a - 45%	- 5% a - 10%	- 35% a - 40%	- 40%
Condicionadores de Ar	- 13%	+ 12%	- 16%	- 9%
Disjuntores de Média e Alta Tensão	Entrada de encomendas: - 30% Produção: - 10%	Entrada de encomendas: + 5% Produção: estável	Entrada de encomendas: - 30% Produção: - 10%	Entrada de encomendas: - 15% Produção: - 10%
Equipamentos de Força para Telecomunicações	Entrada de encomendas: - 30% Produção: - 25%	Entrada de encomendas: - 30% Produção: - 25%	Entrada de encomendas: - 30% Produção: - 25%	Entrada de encomendas: - 20% Produção: - 25%
Equipamentos Elétricos Rotativos para Veículos	- 35%	- 5%	- 30%	- 25%
Ferramentas Elétricas Manuais	- 15%	- 5%	- 20%	- 10%
Fogões	- 14%	+ 20%	- 12%	- 13%
Material Elétrico de Instalação	- 15%	- 15%	- 15%	(b)
Painéis Elétricos	Entrada de encomendas: - 10% Produção: - 5%	Entrada de encomendas: - 10% Produção: estável	Entrada de encomendas: - 10% Produção: - 5%	Entrada de encomendas: - 20% Produção: - 5%
Refrigerantes	- 16%	- 2%	- 13%	- 5%
Transformadores	Distribuição: As entradas de encomendas apresentaram redução de 50% Força: As entradas de encomendas foram inferiores em 40%	Distribuição: As entradas de encomendas foram ligeiramente inferiores Força: As entradas de encomendas foram inferiores em cerca de 15%	Distribuição: As entradas de encomendas apresentaram redução de 40% Força: As entradas de encomendas demonstraram redução em torno de 35%	tradas de encomendas deverão ser ligeiramente inferiores Força: As entradas de encomendas deverão apresentar estabilidade

(a) - previsão
(b) - informações ainda não disponíveis



Mercado imobiliário

Movimento: Os reflexos da política econômica mantiveram-se no período julho-setembro, principalmente no que diz respeito aos limites de financiamento para imóveis destinados à classe média, tanto para a produção quanto para a venda de novas unidades. Entretanto, para imóveis até 2.250 UPs (Cr\$ 2,8 milhões), as vendas foram satisfatórias, em razão dos estímulos concedidos até esse limite (isenção do IOF, Tabela Price, prazo maior de amortização, etc.).

Problemas: Altíssima rentabilidade nas aplicações financeiras, desestimulando a compra de imóveis; conjuntura econômica prejudicial aos investimentos a longo prazo; insegurança dos compradores quanto à manutenção do emprego, não apenas nas faixas de executivos, que representam considerável fatia do mercado, mas também nas faixas de operários especializados do setor industrial.

Emprego e investimentos: A expansão do emprego no setor de construção imobiliária, em torno de 20%, vem possibilitando a absorção de mão-de-obra dispensada por outros setores de atividade. O crescimento do emprego é decorrente de projetos aprovados no ano passado e que somente estão sendo implementados este ano.

Perspectivas: Vários fatores desestimulam novos investimentos no último trimestre do ano, entre eles o desemprego ainda elevado, custos financeiros crescentes e correção monetária elevada.

Defensivos animais

Produção: O comportamento da produção e vendas no terceiro trimestre de 1981, em relação a igual período de 1980, foi negativo (-12%). Na área de suinocultura, houve queda real de 22%; avicultura, -28% e bovinos, 5% de crescimento.

Exportação: O volume cresceu um pouco, porém, como o setor ainda depende da importação de componentes, o poder de competição no mercado externo é pequeno.

Problemas: Controle do CIP sobre os preços e dificuldades para aprovação de novos produtos.

Emprego e investimentos: Não foram fornecidos dados, mas sabe-se que houve demissões no setor e investimentos estacionários.

Perspectivas: Espera-se pequena reação no 4º trimestre.

Problemas: Elevados custos financeiros; dificuldades, principalmente para as pequenas e médias empresas, para a obtenção de crédito junto ao sistema financeiro; atrasos de pagamento por parte de empresas públicas e do governo; retração da demanda interna, em função da queda dos níveis de renda e emprego; e diminuição do volume de investimentos, que vem causando o aumento dos índices de capacidade ociosa na área de bens de capital.

Emprego e investimentos: Os índices de pessoal ocupado referentes a agosto de 1981, com informações de 313 empresas do setor eletroeletrônico, indicam redução de 10% em relação à posição de dezembro de 1980. Os dados disponíveis indicam sensível queda no volume de investimentos realizados pelas empresas do setor em 1981.